

Corporalidades Gordas Eletrônicas: Rupturas e Sentidos Possíveis em Textos Culturais nas Mídias Digitais¹

Gabriela Saraiva HABCKOST²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

Este artigo visa a estabelecer reflexões sobre as potencialidades de geração de novos sentidos para os corpos gordos nas mídias digitais, em especial o Instagram. A partir da articulação dos conceitos de cultura, textos culturais e sistemas modelizantes de Lotman (1996,1999), a perspectiva do corpo eletrônico de Rosário (2008) e Campelo (1997) e a digitalização de si de Ferreira e Natansohn (2018), o estudo oferece alguns indicadores para pensar a emergência de corporalidades gordas eletrônicas digitais, inscritas nas mídias digitais e atravessadas pelos sistemas culturais vigentes. São apresentados três perfis do Instagram - @vaiternoivagorda, @olhardepaulina e @yogaparatosdesbr - com vistas a elucidar a discussão teórica empreendida e balizar o debate sobre as possibilidades de textos culturais relacionados às corporalidades gordas forjados e inscritos nesses espaços digitais.

PALAVRAS-CHAVE

Corpos gordos; Corpo Eletrônico; Mídias Digitais; Semiótica da Cultura.

INTRODUÇÃO

Porque el ser gordx no es algo anecdótico, es político, contra lo establecido...Lo que no encaja, lo que excede, lo que estalla límites, costuras y cierres, asientos de micros, fronteras, ficciones, deseos. Acá están mis pliegues, acá están mis rollos, acá esta el cuerpo, ese que no corresponde, ese que aparentemente nadie quiere follar, este cuerpo enfermo. (CASTILLO, 2014).

O trecho acima é parte do manifesto “*La Cerda Punk*”, em que Constanzx Castillo elenca algumas das razões para escolher se comunicar como um corpo gordo, que existe, e, ao fazê-lo, resiste politicamente. Reconhecer-se e comunicar-se gorda é ação política, à medida que rompe com prescrições culturais acerca do que seria um corpo aceitável, saudável, digno, e, em contrapartida, que corpos não podem ser aceitos, haja vista que se distanciam dessas prescrições. É nesse sentido que em si mesmas, as corporalidades

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do corpo e Gêneros, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM - UFRGS). E-mail: gabriela.habckost@gmail.com

desviantes assumem papel de ruptura: assinalam aquilo que há de indomável, as dimensões corporais que se recusam a encaixar-se na rigidez das normas correntes, especialmente aquelas às quais as mulheres são historicamente submetidas.

Algumas das características do contexto sociocultural contemporâneo têm especial relevância para tratar desse assunto. Em primeiro lugar, a estigmatização dos corpos gordos, que Vigarello (2012) entende como processo histórico e reflexo da acentuação das normas ocidentais tocantes à aparência corporal; em paralelo, justamente a obsessão pela magreza, com a multiplicação das cirurgias plásticas e das influenciadoras *fitness* e orientações para chegar ao corpo “ideal”; e, por fim, o estabelecimento das mídias digitais como veículo central para compartilhamento de narrativas, textuais e imagéticas.

A somar a esses desdobramentos, observa-se a tendência das mídias de massa, marcadamente a televisão, de operar sob normas bem rígidas, sobretudo no que diz respeito às expressões das corporalidades (ROSÁRIO; AGUIAR, 2015). Daí vemos os mesmos tipos de corpos nas telenovelas e telejornais, e testemunharmos movimentos relativamente lentos de questionamento e enfrentamento dos estigmas ligados a tamanhos, formas, raças, gêneros, sexualidades, identidades de gênero, dentre tantos outros marcadores de diferença. Nesse sentido, as expressões de si em mídias digitais como o Instagram, que permite o compartilhamento de imagens, despontam como uma possibilidade de espaço para a manifestação das pluralidades corporais e construção de novos sentidos midiáticos.

No presente trabalho, pretendemos explorar, de forma preliminar, a dimensão de ruptura engendrada pelos textos corporais midiáticos inscritos no cenário digital. Para tanto, entendemos que o aporte da Semiótica da Cultura seja uma aproximação teórica adequada, visto que fornece elementos para refletir sobre as normas culturais, as rupturas e as esferas de significação que circunscrevem esses processos de rompimento com as formações dominantes na cultura de uma determinada sociedade.

Nesse sentido, buscaremos estabelecer uma breve discussão sobre as potencialidades de geração de novos sentidos para as corporalidades gordas nas mídias digitais, em especial o Instagram, com base nas concepções de Lotman (1996, 1999) acerca da cultura, textos culturais e sistemas modelizantes, e na perspectiva do corpo eletrônico (ROSÁRIO, 2008; CAMPELO, 1997) e da digitalização de si (FERREIRA; NATANSOHN, 2018). Espero, com isso, poder estabelecer bases iniciais para pensar a

emergência das corporalidades gordas eletrônicas digitais, forjadas e gravadas nas mídias digitais, mas também atravessadas pelos textos culturais que acompanham suas experiências e modos de ser e estar no mundo.

CORPORALIDADES E TEXTOS CULTURAIS

O corpo, conforme Campelo (1997), pensa, lembra, opera e aprende. E é nele que se grava a história da cultura a que aquele corpo pertence. Nesse sentido, falar em corporalidades passa por entender o corpo em uma perspectiva abrangente, uma dimensão complexa, de tensões e distensões (ROSÁRIO;AGUIAR, 2015). A ideia de corporalidades refere-se à “perspectiva teórica que estuda os elementos comunicacionais da ordem do corpo”. Diz respeito, portanto, a precisamente pensar o corpo como espaço de disputas e como instância que comunica, que pode produzir textos culturais.

Na perspectiva da Semiótica da Cultura, o texto é o conjunto de signos que, articulados, compõem uma mensagem. Além disso, textos são tidos como a unidade mínima da cultura: é através do texto que a cultura se materializa e se atualiza, de modo que é possível pensá-lo como memória cultural coletiva (LOTMAN, 1999). Dado esse caráter inseparável com a cultura, os textos estão presentes em diferentes dimensões da vida dos seres humanos (e não só deles, é possível inferir), e, mais importante, a interpretação que se faz deles passa inevitavelmente por concepções, códigos e sentidos enraizados na cultura em que estão inseridos.

Nos processos de tradução a que são submetidos, quando saem da esfera do emissor e adentram a produção de sentido do destinatário das mensagens, há sempre a interferência de significados que precedem o texto. Segundo Rosário (2008), o ver do sujeito está sempre submetido a uma grade cultural, que, apesar de polissemias potenciais, acompanha determinadas constantes temporais, espaciais e interculturais. Isso significa dizer que, ao entrar em contato com determinado texto, colocamos em ação não apenas nossas capacidades perceptivas lógico-rationais, mas ativamos a memória de saberes, afetos e crenças, que são culturais, e não podem deixar de sê-los.

Essa é a dinâmica a que Lotman (1996) alude quando postula a existência de sistemas modelizantes. Para explicá-los, cabe retomar o funcionamento do mecanismo semiótico da cultura (POSNER, 1995). Sob a ótica de Posner, a cultura opera sob uma “progressiva semiotização da realidade”, considerando três níveis distintos da ideia de

cultura: como sociedade, como civilização e como mentalidade. Aqui, interessa-nos particularmente o terceiro segmento. Conceber a cultura como mentalidade implica pensar um sistema de valores, ideias, morais e costumes que constituem o conjunto de códigos de uma sociedade. Esses códigos são definidos pelos sistemas modelizantes, isto é, “manifestações, práticas ou processos culturais cuja organização depende da transferência de modelos culturais” (MACHADO, 2003, p. 49).

O sistema modelizante das corporalidades, na cultura ocidental, é, como destacam Rosário e Aguiar (2014), bastante rígido no que diz respeito a composições textuais estéticas, morais, comportamentais e sexuais. Os códigos culturais que regem os textos produzidos por, nos e sobre os corpos, dessa forma constituindo as corporalidades, há normas quase universais, estáveis e dotadas de certa previsibilidade. As mídias de massa, como a televisão, o rádio e o cinema são regidas por esses sistemas e historicamente fazem um movimento lento em direção a atualizações e criação de novos sentidos.

As formações textuais produzidas e veiculadas por esses meios massivos comumente reproduzem determinados “dispositivos estereotipizados” e “estereotipizadores” (LOTMAN; USPENSKII, 1971; ROSARIO; AGUIAR, 2014). Assim, é possível dizer que afetam e são afetados pela modelização da cultura, alimentando estruturalidades e continuidades no que diz respeito às corporalidades viáveis. Rosário e Aguiar (2014) sublinham esse funcionamento na televisão suscitando o texto corporal midiático das apresentadoras de telejornais, predominantemente magras, brancas, jovens, de cabelo liso. São estereótipos, constituem a norma dos corpos aceitos - e celebrados - e os textos midiáticos destinados a grandes públicos operam dentro de um sistema que busca justamente uniformizar as diferenças, “aplanar as contradições dos códigos, das estruturas, das linguagens” (ROSÁRIO; AGUIAR, 2014, p. 177).

Afinal de contas, “que imagem do corpo é vendida na TV?” questiona Campelo (1997, p. 92). A indagação é produtiva porque a própria autora prevê que muitas vezes é por meio da televisão que o espectador, ora se identificando, ora estranhando a imagem que lhe é apresentada, constrói a imagem que tem do seu próprio corpo. Processo semelhante ocorre com outras mídias de massa. A publicidade, por exemplo, encontrou formas de vender um “corpo hiperpotente e totalmente produtivo, lucrativo, comercializável” (SANT’ANNA, 2000, p. 55). E esse é um corpo via de regra magro (e branco, cisgênero, normatizado, vale dizer), à medida que o corpo gordo acompanha estigmas associados a desleixo, patologia, e incapacidade (VIGARELLO, 2012).

Se a memória cultural coletiva e os sistemas modelizantes em que estão inseridas as gramáticas da chamada mídia tradicional apontam para os estereótipos negativos dos corpos gordos, e esses códigos são rígidos e estáveis, passando por movimentos lentos de atualização, como pensar em tensioná-los? Como apresentar outras corporalidades possíveis, outros textos culturais, outras formas de comunicar e representar a experiência de ser um corpo gordo? Quais são as alternativas possíveis para provocar “explosões”, na acepção de Lotman (1999) de ruptura? Na próxima seção, discutiremos as características e linguagens do corpo eletrônico, assim como exploraremos a ideia de digitalização de si, pensando na possibilidade de utilizar a articulação entre esses dois conceitos para refletir sobre potenciais soluções para os questionamentos acima empreendidos.

A DIGITALIZAÇÃO DOS CORPOS ELETRÔNICOS

A cultura digital - ou cibercultura -, além de formação sociocultural dos nossos tempos conectados, é um campo de conhecimento estabelecido, que congrega diversos autores no sentido de mapeamento e reflexão dos processos que envolvem as (já não tão) novas tecnologias. Felinto (2007) aponta que, no Brasil, a cibercultura se caracteriza historicamente enquanto subárea da comunicação e diz respeito aos processos culturais engendrados por “cibertópicos”, a saber a cibernética, a revolução digital e a ciborguização do corpo humano.

Depreende-se, então, que se trata de pensar os movimentos e tensões da cultura a partir da e nas tecnologias digitais em rede (boyd, 2011). Como vimos, as questões ligadas ao corpo e às corporalidades são atravessadas constantemente por essas movimentações da cultura. No caso da cultura digital, não é diferente. Na visão de Ferreira (2020, p. 228), as tecnologias digitais introduzem “outras possibilidades de entendimento do lugar do corpo como ente semiótico em sua amplificação, gravação e divulgação de experimentações e vivências”. O autor sustenta a ideia de que estão em voga, assim, processos de digitalização de si (FERREIRA; NATANSOHN, 2018), uma forma de escrita de si contextualizada e agenciada nos contextos digitais. A digitalização de si é, também, um processo de conversão de si mesmo em novas linguagens, sujeitas à arquitetura, características, limitações e potencialidades dos espaços digitais.

Dáí entendermos ser possível falar em uma digitalização do corpo eletrônico. O corpo, explica Rosário (2008), é um texto virtual, no sentido de que existe em potência e

tende à atualização. Por essa faceta, pode “inCORPORAR” (p. 6) em diversos mundos, assumir diferentes papéis, que geram também registros distintos. Corpos eletrônicos são corpos midiáticos: se atualizam em imagens, metamorfoseados, transmutados, transcodificados. Para Campelo (1997), com a popularização de invenções tecnológicas como fotografia, cinema e televisão, o século XX traz aos indivíduos a possibilidade de registrar a imagem de seu corpo e, mais do que isso, ampliar seus sentidos a partir da tecnologia. Com isso, o sujeito aprende a se identificar com o corpo eletrônico, visto que as imagens de seu corpo reproduzidas pelos diversos aparatos tecnológicos, se tornam parte do cotidiano.

A materialização nas telas não se dá na condição de corpo biológico, natural, por assim dizer, mas na forma de imagem composta por números, linhas e pontos, um corpo traduzido, ou, como argumenta Requena (1995), descorporizados. Em suma, tornar-se corpo eletrônico passa por se submeter: “à linguagem, à técnica e aos discursos próprios das mídias que o atualiza” (ROSÁRIO, 2009, p. 55). Corpos eletrônicos são, ainda na visão de Rosário, resultado de uma forma de hibridismo entre aspectos culturais, midiáticos e tecnológicos. A concepção do corpo eletrônico, portanto, é indissociável da ideia de mídia. A mídia transforma, recria e adapta o corpo a propósitos comerciais e criativos, e ele se entrega às inovações tecnológicas.

Pensando assim, sob a lógica de que os corpos eletrônicos estão submetidos a questões culturais, midiáticas e tecnológicas do tempo em que estão inscritos, é razoável avaliar a condição contemporânea dos corpos eletrônicos em articulação à ideia de digitalização de si. Isso posto, consideramos que as mídias digitais são espaço privilegiado para perceber essa dinâmica, já que são palco de processos de compartilhamento de imagens, textos (aqui no sentido de conglomerado de frases) e ideias.

Sabe-se da centralidade ocupada pelas mídias sociais digitais nos processos de transformação social, como sugerido por Couldry (2017). Em paralelo, a cibercultura é apontada como formação profícua para o esmaecimento das fronteiras entre produtores e consumidores de conteúdo (LEMOS, 2002). O que se pode inferir disso é que as mídias digitais, espaços de materialização da cibercultura, por assim dizer, podem representar uma relativa democratização da produção de textos culturais. Se é assim, a gramática dessas mídias é diferente daquela que nos acostumamos a ver na televisão, por exemplo. Há, pelo menos em tese, maior espaço para imprevisibilidades, vozes que se cruzam,

opiniões que se chocam. A função criativa dos textos culturais (LOTMAN, 1999) pode, então, atingir a plenitude da sua capacidade: geração de novos sentidos, com os ruídos, imperfeições e heterogeneidades próprias da comunicação em sentido amplo.

Com isso, retomamos a questão das corporalidades para refletir sobre suas potencialidades nesse cenário digital. Cabe questionar se os sistemas e as linguagens que sustentam e conformam os textos culturais produzidos nas mídias digitais podem despontar como o ponto de tensão e ruptura com as normas que incidem sobre os corpos nos espaços midiáticos, os estereótipos e os modelos fixos. Buscaremos, a seguir, estabelecer reflexões iniciais nesse sentido, tendo como balizadores tipos de corporalidades gordas expressadas no Instagram, a fim de pensar, sob a perspectiva da Semiótica da Cultura, sobre os códigos culturais, rupturas e novos sentidos possíveis para os corpos gordos eletrônicos - e digitais.

CORPOS GORDOS ELETRÔNICOS E DIGITAIS: POSSIBILIDADES DE NOVOS SENTIDOS

Os textos culturais se inscrevem dentro de estruturas e sistemas construídos historicamente e não raro o movimento de tensionar suas bases se realiza de forma lenta, dentro de princípios de regularidades e atravessado por interesses de naturezas diversas. Defendemos, em observância dos escritos de Rosário e Aguiar, que, nas mídias tradicionais, de massa, como a televisão, são relativamente poucas as brechas para disputa de significados e explosões semióticas. As corporalidades constituem ponto de elucidação dessa concepção porque os sistemas modelizantes que sustentam suas manifestações nos diferentes suportes midiáticos são rígidos, como os padrões estéticos e prescrições e normas culturais o são.

Ocorre que a comunicação, na linha adotada por Lotman, se constrói justamente no tensionamento entre o caminho da previsibilidade e o da imprevisibilidade (ROSARIO;AGUIAR, 2014). São vias que se alimentam e se estimulam reciprocamente, muitas vezes evocadas de forma simultânea, o que implica na luta de forças entre estabilização e desestabilização. Esse aparente conflito, se é que se pode chamar assim, é onde reside a criatividade, a formação de novos sentidos e, como comentamos anteriormente, a explosão. Quando mencionamos o caráter democratizante da cultura digital, buscamos apontar que a amplitude das redes e a facilidade de disseminação de

informações em mídias digitais pode implicar que as brechas para a construção de novos sentidos se mostrem mais dilatadas que as que vemos no caso da televisão, do cinema e da publicidade.

Aqueles corpos estigmatizados - abjetos, utilizando a terminologia utilizada por Butler (2007) -, cuja possibilidade de visibilização e reconhecimento midiático parecem limitadas, podem utilizar o espaço das mídias digitais para ressignificar sua relação com seus arranjos corporais e os traços que os tornam singulares. Uma pesquisa conduzida por Rangel (2018) sugere, por exemplo, que mídias sociais e blogs são os locais de maior proeminência e expressividade do ativismo gordo no Brasil. Para Rosário e Aguiar (2014), analisar textos culturais midiáticos em que os corpos se manifestam constitui um caminho possível para refletir sobre os códigos e linguagens das corporalidades e pensar os movimentos de previsibilidade e imprevisibilidade envolvidos nessa dinâmica.

Notadamente o Instagram, em razão de ser, antes de tudo, um espaço para compartilhar registros visuais, pode oferecer algumas pistas de possíveis rupturas com códigos e regras que vêm sendo realizadas com a mediação desses espaços digitais. Em junho de 2021, o guia online *Projetos para Pessoas Gordas*, produzido pela psicóloga e influenciadora antigordofobia Gabi Menezes, foi divulgado justamente no Instagram. É um material composto por 16 projetos que, de diferentes formas, buscam ressignificar a forma como as corporalidades gordas são encaradas e discutidas em diferentes âmbitos. Para os fins deste trabalho, proponho refletir preliminarmente sobre três deles: *Vai Ter Noiva Gorda Sim*, *Olhar de Paulina* e *Yoga Para Todes Brasil*.

O primeiro deles, no Instagram com a conta @vaiternoivagorda (Figura 1), tem como objetivo apresentar a mulheres gordas referências de corpos gordos como os seus em vestidos de noiva. Criada pela fotógrafa Ana Paula Aguiar, a página posta regularmente imagens de casamentos e auxilia com dicas para mulheres que têm o desejo de se ver vestidas com figurino de casamento, mas se sentem desencorajadas ao não encontrar roupas que caibam em seus corpos e tampouco inspirações de noivas com corpos semelhantes aos seus.

Figura 1 - Imagens do perfil “Vai Ter Noiva Gorda Sim” no Instagram



Fonte: Compilação feita pela autora a partir do Instagram³

O casamento é uma instituição cultural, sobretudo nas sociedades ocidentais, e envolve uma gama de significados e códigos próprios. O que é tensionado pelo perfil Vai Ter Noiva Gorda Sim é por que esse deve ser um marco, um acontecimento emblemático, culturalmente significativo, apenas para determinados tipos de corpos. Os catálogos de fornecedores de vestidos de noiva, os sites que reúnem inspirações de figurinos, as imagens veiculadas por telenovelas, programas de televisão, mundo da moda parecem sugerir que a celebração do casamento deve respeitar uma corporalidade definida.

Novamente, as noivas são as mulheres magras, brancas, que performam feminilidade dentro dos modelos tradicionais. Mulheres gordas devem buscar emagrecer e adequar-se ao padrão esperado para, assim, atingir a condição ideal para casar-se. As imagens postadas na página são, portanto, inspirações, mas também, pode se especular, ferramentas de ruptura das corporalidades abjetas com as prescrições que giram em torno dos corpos possíveis.

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/vaiternoivagorda/>. Acesso em 11 ago. 2021.

O perfil Olhar de Paulina (@olhardepaulina) (Figura 2) é uma plataforma de compartilhamento dos projetos artísticos - fotografias, bordados, textos, pinturas - da paulista Milena Paulina.

Figura 2 - Imagens do perfil “Olhar de Paulina” no Instagram



Fonte: Compilação feita pela autora a partir do Instagram⁴

A apresentação de Paulina no seu site oficial já antevê alguns dos aspectos que norteiam a forma como aborda as corporalidades nos conteúdos que partilha no Instagram:

[...] sou uma mulher negra gorda e bissexual, tenho 26 anos e moro em Itaquaquecetuba, São Paulo. Sou fotógrafa, bordadeira, escritora, pintora, escorpiana, viva e estou construindo a arte que quero ver no mundo [...] não há palavras suficientes em que eu consiga explicar **a importância da representatividade dos corpos para mim, a humanização da nudez e uma ressignificação dos corpos marginalizados dentro da arte**. Tudo que eu faço é pensando na **arte que gostaria de consumir, a arte que também pode me curar** (OLHAR DE PAULINA, s.d., grifos da autora).

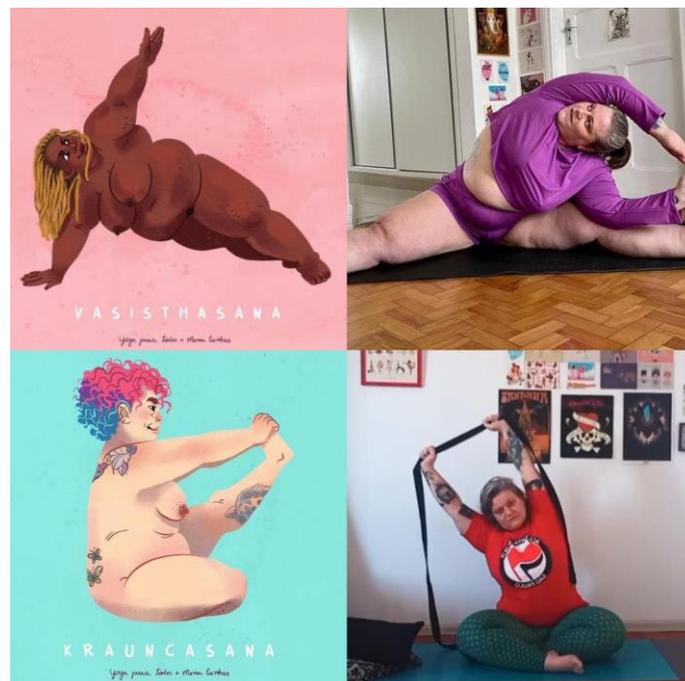
A artista costuma postar ensaios fotográficos com mulheres e homens gordos, de modo geral nus, o que diversas vezes acarretou a suspensão de sua conta pelo Instagram, devido a denúncias como conteúdo sensível. Paulina passou a inserir um borrão nas fotografias a fim de evitar problemas dessa natureza, mas reiteradamente aborda o assunto

⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/olhardepaulina_/. Acesso em: 11 ago. 2021.

em suas postagens, questionando seus seguidores sobre possíveis influências da gordofobia e da desnaturalização dessas corporalidades como fatores para que usuários do Instagram façam denúncias à empresa pela suspensão do seu perfil. Em uma postagem de 16 de maio de 2021, traz a público um cartaz que colou em via pública, com a foto de uma mulher gorda, parte do seu projeto e a seguinte inscrição: “Tire seu padrões do meu corpo”. A imagem faz parte do projeto fotográfico “Eu, Gorda”, que reúne fotos de pessoas gordas com o intuito de mostrá-las em sua verdadeira essência: humanizar a representação desses corpos (OLHAR DE PAULINA, s.d.).

O terceiro e último perfil mapeado é o Yoga Para Todes (@yogaparatodesbr) (Figura 3), idealizado pela estudante de educação física, militante gorda e professora de Yoga, Vanessa Joda. Na pequena biografia que exibe no seu perfil, Joda postula: “Todo corpo é um corpo de Yoga” (YOGA PARA TODES, 2021). Cabe lembrar, aqui, das dificuldades que pessoas gordas enfrentam ao tentarem se exercitar em espaços públicos: os estigmas ligados a gordofobia também estão presentes nesse espaço, e o imperativo por corpos definidos e com pouca gordura, próximos à aparência corporal ideal, tornam academias e locais de práticas de esporte espaços hostis para pessoas com corpos diversos (SAUTCHUK, 2007).

Figura 3 - Imagens do perfil “Yoga Para Todes” no Instagram



Fonte: Compilação feita pela autora a partir do Instagram⁵

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/yogaparatodesbrasil/>. Acesso em 12 ago. 2021.

Assim como ocorre com os vestidos de noiva, entende-se que há um espectro de corpos “próprio” para a atividade física. O Yoga Para Tódes se define como uma escola de Yoga “nada convencional” porque utiliza de canais como seu Instagram para compartilhar vídeos e imagens de pessoas gordas praticando a atividade. Em termos dos estigmas ligados à gordofobia, ser gordo implica falta de esforço em sair dessa condição, haja vista que os corpos podem ser moldáveis e flexíveis (VIGARELLO, 2012). A possibilidade de que pessoas gordas façam atividade física pensando exclusivamente no seu bem-estar físico, na aquisição e/ou manutenção de saúde parece distante das expectativas estabelecidas pelos textos culturais que celebram histórias de superação em busca de um corpo magro, músculos definidos e gordura controlada.

De uma maneira geral, pode-se dizer que os três perfis agenciam textos culturais que buscam naturalizar e humanizar corporalidades que, do ponto de vista dos códigos que constituem a cultura como conhecemos, rompem com as regularidades dos sistemas modelizantes. Fazem-no, a partir das contas destinadas aos seus projetos no Instagram, com base no compartilhamento de imagens desses arranjos corporais. Essas imagens não são os corpos orgânicos, trata-se dos corpos eletrônicos, mediados aqui pelas tecnologias digitais, portanto, corpos eletrônicos digitalizados. A partir da digitalização - de si e de outros corpos abjetos/dissidentes -, os códigos e sentidos que carregam os códigos são tensionados justamente por a) a recorrência das imagens; b) a ruptura de determinadas regularidades culturais e semióticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o exame dos textos culturais produzidos pelos três projetos no âmbito das mídias digitais permite que sejam feitos alguns apontamentos preliminares em relação às corporalidades gordas eletrônicas e digitais. Com base nos preceitos da Semiótica da Cultura, lançamos mão de algumas possibilidades de comunicar esses corpos em um contexto digital, mediado e agenciado por tecnologias de conexão. Os corpos eletrônicos atravessados pela cibercultura gozam de brechas que meios de comunicação mais tradicionais vêm abrindo em um movimento lento e condicionado pela gramática própria dos empreendimentos de mídia de massa.

Isso não significa dizer que sustentamos um olhar tecnocrático em relação aos movimentos da cultura, ou que não estejamos cientes dos regimes produtivos e demandas

comerciais de mídias como o Instagram. É importante ponderar que, embora dotadas de um certo grau de imprevisibilidade e relativamente mais suscetíveis a rupturas, também as mídias digitais estão sujeitas aos contextos culturais, econômicos e sociais que as circunscrevem. O que defendemos de fato é que o corpo eletrônico digital encontra maiores brechas para colocar-se em textos culturais de formas disruptivas e que visam a tensionar os sistemas modelizantes e a rigidez dos códigos que dominavam a circulação das imagens dos corpos possíveis.

Este trabalho buscou ser, de certa maneira, um pontapé inicial para o estabelecimento de discussões sobre essas corporalidades e os espaços que encontram para manifestar-se e reconhecer-se cultural e politicamente. Os textos culturais aqui elencados são políticos, no sentido que apontamos na introdução deste trabalho de que ser um corpo gordo - bem como um corpo negro, transsexual, com deficiência - o é. A discussão sobre os corpos gordos eletrônicos digitais não se esgota aqui, tornando-se necessário ainda aprofundar-se nas dinâmicas de ruptura e produção de sentidos estabelecidas e na forma como se relacionam com os textos das mídias de massa⁶.

O certo é que a busca por rupturas nas prescrições, normas e imposições do sistema cultural que rege os corpos e as experiências sociais existe, assim como forças que desejam aplainar as diferenças, nos termos utilizados por Rosário (2008). Estruturalidades e novos sentidos se chocam, portanto, produzindo tensões e disputas que estão no centro da cultura e os códigos a ela subjacentes.

REFERÊNCIAS

BOYD, d. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. *In*: PAPACHARISSI, Zizi (org.). **A Networked Self: Identity, community and culture on social network sites**. Nova York: Routledge, 2011.

BUTLER, J. **Gender trouble**. New York: Routledge, 2007.

CAMPELO, C. **Calei(dos)corpos**. São Paulo: Annablume, 1997.

CASTILLO, C. **La cerda punk**. Ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, antikapitalista & antiespecista. Valparaíso: Trio Editorial, 2014.

⁶ Ainda que seja lento, há um movimento de diversificação dos corpos apresentados e das vozes que ressoam nesses espaços também, que condicionam e são condicionadas por essas manifestações dos cenários digitais.

COULDRY, N. Surveillance-democracy. **Journal of Information Technology & Politics**, v. 14, n. 2, p. 182-188, 2017.

FELINTO, E. Sem mapas para esses territórios: a cibercultura como campo do conhecimento. *In*: FREIRE FILHO, J; HERSCHMANN, M. (orgs.). **Novos rumos da cultura da mídia**. Indústrias, produtos, audiências. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

FERREIRA, S.R.S. **Digitalização de si e transmasculinidades**: a constituição de subjetividades gendradas e a produção de saberes no Facebook. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). 357 f. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2020.

FERREIRA, S. R. S.; NATANSOHN, L. G. Digitalização de Si: algumas contribuições teóricas para entender o corpo em ambientes digitais. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL EM HUMANIDADES DIGITAIS, Rio de Janeiro, 2018. **Anais...** p. 35-41.

LEMONS, A. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LOTMAN, I. **La semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, I. **Cultura y explosión**. Barcelona: Gedisa, 1999.

MACHADO, I. **Escola de semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: FAPESP, 2003.

MENEZES, G. **Projetos Para Pessoas Gordas**. Guia do Instagram. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/gabimenezes/guide/projetos-para-pessoas-gordas/17898031556107850/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

OLHAR DE PAULINA [Site institucional]. Disponível em: <https://olhardepaulina.com/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

OLHAR DE PAULINA [Instagram]. Disponível em: https://www.instagram.com/olhardepaulina_/. Acesso em: 23 jun. 2021.

POSNER, R. O mecanismo semiótico da cultura. *In*: RECTOR, M.; NEIVA, E. **Comunicação na era pós-moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

RANGEL, N.F.A. **O ativismo gordo em campo**: política, identidade e construção de significados. 162 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2018.

REQUENA, J.G. **El discurso televisivo**: espetáculo de la posmodernidad. Madrid: Cátedra, 1995.

ROSÁRIO, N.M.; AGUIAR, L.. Implosão mediática: corporalidades nas configurações de sentidos da linguagem. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 41, p. 166-185, 2015.

ROSÁRIO, N.M. Imagens midiáticas em corpos eletrônicos. **Intexto**, n. 18, p. 14-27, 2008.

ROSÁRIO, N.M. Corpos eletrônicos em discursos de audiovisualidades. *In*: ROCHA DA SILVA, A.; ROSSINI, M.S. (org.). **Do audiovisual às audiovisualidades**: convergência e dispersão nas mídias. 1ª ed. Porto Alegre: Asterisco, 2009. p. 45–65. E-book.

SANT’ANNA, D.B. Descobrir o corpo: uma história sem fim. **Educação e Realidade**, v. 25, n. 2, p. 49-58, jun/dez.2000.

SAUTCHUK, C.E. A medida da gordura: O interno e o íntimo na academia de ginástica. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 153-179. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132007000100007>.

VAI TER NOIVA GORDA SIM! [Instagram]. Disponível em: <https://www.instagram.com/vaiternoivagorda/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

VIGARELLO, G. As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente; da Idade Média ao século XX. Editora Vozes, 2012.

YOGA PARA TODES BRASIL [Instagram]. Disponível em: <https://www.instagram.com/yogaparatodesbrasil/>. Acesso em 23 jun. 2021.